

GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

ISSN 2177-3688

O SISTEMA DE OBJETOS FEMINISTAS ATRAVÉS DE MARIA AUGUSTA RUI BARBOSA

The system of feminist objects through the Maria Augusta Rui Barbosa

Gabriela Lúcio de Sousa - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins (UNIRIO/MAST)

Márcio Ferreira Rangel - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins (UNIRIO/MAST)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este artigo objetiva apresentar e aplicar a metodologia do sistema de objetos feministas, desenvolvida por Alison Bartlett e Margaret Henderson no artigo *What is a Feminist Object? Feminist Material Culture and the Making of the Activist Object* através de um propósito prático, utilizando o estudo de caso da coleção, ainda em desenvolvimento, de Maria Augusta Rui Barbosa. Pretende-se demonstrar a versatilidade desta teoria sendo empregada no acervo de uma mulher que não denominava-se como feminista, e, como discussão, reafirmar a importância de metodologias dos campos de gênero, museus e cultura material que sejam criadas por mulheres e direcionadas para acervos de mulheres. Enquanto resultado, pretende-se reafirmar a importância da trajetória de Maria Augusta Rui Barbosa para além da vinculação com a trajetória do seu marido, e a criação de sua coleção no Museu Casa de Rui Barbosa é uma forma de ratificar este ponto. A fundamentação teórica será respaldada por autores que versam sobre a temática de cultura material e gênero nos museus. Considera-se que, com a popularização desse tipo de metodologia, seja possível tornar cada vez mais viável o estudo de coleções de mulheres em instituições museológicas.

Palavras-chave: Maria Augusta Rui Barbosa; sistema e objetos feministas; coleção.

Abstract: This paper aims to present and apply the feminist object system methodology, developed by Alison Bartlett and Margaret Henderson in the article *What is a Feminist Object? Feminist Material Culture and the Making of the Activist Object* through a practical purpose, using the case study of Maria Augusta Rui Barbosa's collection, still in development. It is intended to demonstrate the versatility of this theory being used in the collection of a woman who did not call herself a feminist, and, as a discussion, to reaffirm the importance of methodologies in the fields of gender, museums and material culture that are created by women and aimed at women's collections. As a result, it is intended to reaffirm the importance of Maria Augusta Rui Barbosa's trajectory beyond the link with her husband's trajectory, and the creation of her collection at the Casa de Rui Barbosa Museum is a way of ratifying this point. The theoretical foundation will be supported by authors who deal with the theme of material culture and gender in museums. It is considered that, with the popularization of this type of methodology, it will be possible to make the study of women's collections in museum institutions increasingly viable.

Keywords: Maria Augusta Rui Barbosa; feminist system and objects; collection.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente sabe-se que “as esposas geralmente têm sido a metade não contada da história”¹ (WAGMAN-GELLER, 2015, p. 2, tradução nossa) e que “a vida pública e a vida privada são indivisíveis”² (WAGMAN-GELLER, 2015, p.2, tradução nossa) por isso, compreender mais sobre a vida de Maria Augusta Viana Bandeira (1855-1948), conhecida por seu nome de casada, Maria Augusta Rui Barbosa, é relevante para trazer à tona aspectos relevantes dessa personagem. Maria Augusta foi figura importante na criação do Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB) e na composição do acervo do museu. A casa onde atualmente está o MCRB foi comprada em 1924 pelo governo brasileiro. Já o museu foi criado através do Decreto nº 17.758, de 4 de abril de 1927, que “Crea o Museu Ruy Barbosa e aprova o seu regulamento” e inaugurado em 13 de agosto de 1930, com a presença de Maria Augusta, do então presidente Washington Luís e outros convidados. Ressalta-se aqui que o MCRB não é um museu dedicado à Maria Augusta, não se pretende ser e provavelmente não será; sua missão – de salvaguarda da memória de Rui Barbosa (1849 – 1923) – é bem estabelecida e bem realizada. Porém, como parte constituinte da vida do patrono, Maria Augusta foi parcamente estudada, e tal situação não é exclusividade do MCRB. Segundo Gaby Potter:

Como grande parte do trabalho das mulheres está fora da atividade principal, é mais trabalhosa do que intensiva em capital e depende de ferramentas relativamente indiferenciadas, o museu tem muito mais probabilidade de 'perder' material referente ao trabalho das mulheres do que aos homens³ (POTTER, 1990, tradução nossa).

Entende-se que, naturalmente, as coleções pertencentes a mulheres são esquecidas e inferiorizadas nas instituições museológicas. Gaby Potter afirma que parte da problemática dessa situação está no modo como se enxergam essas coleções, afirmando que os profissionais que trabalham nos museus – em específico os curadores – “usam os objetos como reflexos puros do mundo, apresentando o passado de forma simples e inequívoca. Eles não abordam as lacunas e omissões nas coleções de museus e na cultura material”⁴ (POTTER, 1990, p. 70-71, tradução nossa).

¹ *wives have generally been the untold half of the history* (WAGMAN-GELLER, 2015, p. 2).

² *public life and private life are indivisible* (WAGMAN-GELLER, 2015, p. 2).

³ *As so much of women's work lies outside the core activity, is labour rather than capital-intensive, and relies on relatively undifferentiated tools, the museum is much more likely to 'lose' material pertaining to women's work than to men's* (POTTER, 1990, p. 79).

⁴ *use objects as pure reflections of the world, re-presenting the past simply and unambiguously. They don't address the gaps and omissions in museum collections, and in the material culture* (POTTER, 1990, p. 70-71).

Já sobre o acervo do MCRB, a instituição conta com um total de 1550 objetos de materialidades diversas, e o Plano Museológico de 2018-2021 do MCRB afirma a origem prioritária destes materiais como advindos do espólio de Rui Barbosa, leiloado em 1924, além de 13 itens comprados em 1949, obtidos estes do espólio de Maria Augusta (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2018, p. 42). O registro é realizado em dois livros de tombo, separados entre A e B, sendo que os itens A são diretamente ligados à família Rui Barbosa e são o quantitativo principal da coleção, já os itens B estão subdivididos em quatro coleções: pertenceram a família Rui Barbosa (sigla CRF), objetos para compor ambientes (CRA), relacionados a Rui Barbosa (COR) e sem relação com Rui Barbosa (COD) (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2018, p. 47).

Do quantitativo total do acervo, poucos itens pertenceram à Maria Augusta ou a suas filhas, destacando-se alguns de vestuário, acessórios, itens de toilette, mobílias e objetos de trabalhos manuais. Nas fichas catalográficas de algumas peças não constam informações sobre a quem este item pertenceu, outras fichas já discriminam essa informação, mas sabe-se que são objetos femininos. Nota-se, então, que não existe uma divisão de membros da família de Rui Barbosa, e os objetos destas pessoas estão alocados na coleção direcionada ao patrono. Esse estudo de caso exhibe uma primeira identificação do que seria a “Coleção Maria Augusta Rui Barbosa”, constando apenas itens confirmados como pertencentes a ela. A partir desta coleção, será aplicada a metodologia do Sistema dos Objetos Feministas, proposta por Alison Bartlett e Margaret Henderson na publicação *What is a Feminist Object? Feminist Material Culture and the Making of the Activist Object*, com o intuito de demonstrar a utilização dessa metodologia em coleções de mulheres – não necessariamente apenas em coleções de mulheres feministas⁵.

2 MARIA AUGUSTA RUI BARBOSA E A CONSTRUÇÃO DE SUA COLEÇÃO

Maria Augusta Rui Barbosa nasceu Maria Augusta Viana Bandeira (1855 – 1948). Seus pais eram o funcionário público Alfredo Ferreira Bandeira e a dona de casa Maria Luísa Viana. Foi casada com o polímata, advogado e senador Rui Barbosa (1849 – 1923) por 46 anos, e deste matrimônio nasceram cinco filhos: Maria Adélia Rui Barbosa (Dedélia), Alfredo Rui Barbosa, Francisca Rui Barbosa, João Rui Barbosa e Maria Luísa Vitória Barbosa (Baby).

⁵ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Maria Augusta falece com 93 anos, e, para além de ser compreendida e vista apenas como esposa de Rui Barbosa ela também é lembrada como figura importante na criação do Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB) e na composição do acervo da instituição.

Os estudos sobre Maria Augusta vêm se aprofundando nos últimos anos através de pesquisas realizadas no âmbito do MCRB. Ainda existe um longo caminho a ser percorrido, mas já é possível compreender um pouco mais sobre esta personagem através de artigos, monografias produzidas sobre Maria Augusta Rui Barbosa e seus objetos.

Até o momento, nenhum material escrito pela própria Maria Augusta foi encontrado, e o que conhecemos sobre ela é fruto de relatos de família e pessoas próximas. Com isso, as conclusões e questões que temos sobre ela são baseadas nos depoimentos de terceiros. Sendo assim, seus objetos acrescentam camadas a sua história, evidenciando seus gostos, estilo, traços de personalidade e interesses. Para produção dessa proposta de coleção, foi necessário debruçar-se sobre o acervo da instituição.

O método aplicado para analisar os objetos que pertenceram a Maria Augusta foi desenvolvido da seguinte maneira: por meio do Inventário do Acervo Museológico do MCRB de 2017, os 1550 objetos do museu foram consultados. Como os itens B prioritariamente não pertenceram a família Rui Barbosa, eles foram desconsiderados, com exceção do objeto "31.50B - Rui Barbosa [Matriz de partitura]", posto que a melodia foi feita para Rui Barbosa, mas a matriz foi doada para Maria Augusta, ou seja, pertenceu a ela. Em seguida, foram excluídos do montante da divisão A aqueles, comprovadamente, masculinos. Já em relação aos objetos femininos, não foi possível fazer a definição imediata se de que eles seriam ou não de Maria Augusta, porém, sabe-se que as peças femininas que compõem a coleção ou são de Maria Augusta ou de sua filha, Maria Adélia. Foi obtido, então, um primeiro quantitativo de 500 objetos que foram separados e pesquisados individualmente em livros, fichas catalográficas, consultas realizadas oralmente com museólogos ativos na instituição e aposentados.

Os resultados dessas consultas possibilitaram a diminuição da lista para 150 itens, buscando reduzir não apenas a lista, mas igualmente as dúvidas. Foi realizada mais uma remessa de pesquisas, dessa vez incluindo fontes históricas relacionadas à família Rui Barbosa e documentos do Serviço de Arquivo Histórico Institucional (SAHI). O resultado desta "Coleção Maria Augusta Rui Barbosa" foi uma tabela de 86 objetos diversos, divididos e classificados em "Dúvidas" (área em vermelho) e "Certezas" (área verde). A Figura 1 possui

quatro colunas: "Número de tombo", "Registro fotográfico", "Nome de catalogação ou descrição" e "Observações" e poderá ser vista em sua forma reduzida, na imagem a seguir:

Figura 1 –Proposta preliminar da Coleção Maria Augusta Rui Barbosa.

Itens do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa relacionados a Maria Augusta Rui Barbosa – certezas e dúvidas organizados por tipologia	
Legenda	Certezas
	Dúvidas
Número de tombo	Nome de catalogação ou descrição
66.880A	Vestido de seda preto, com estampado floral branco
66.882A	Camisola de seda rosa, abotoada na altura do tórax, mangas compridas com abotoamento
50.810A	Quimono em seda azul marinho, bordado nos tons, branco, vermelho, verdes, ocre e azul claro.
66.881A	Quimono em seda preta, mangas curtas e faixa para amarrar na cintura.
48.715A	Armação de sombrinha e haste de madeira castanho clara
48.724A	Leque em marfim e plumas de avestruz
66.889A	Leque preto com quatorze varetas de tartaruga, incrustadas de madrepérola
01.1233A	Leque com varetas de madrepérola
81.1066A	Leque branco com dezessete varetas em madrepérola, renda e "voil"
56.850A	Leque com varetas de âmbar
81.1067A	Leque de papel decorado com cena galante. Perfil de mulher com cabelos soltos e vestido
81.1068A	Leque de papel decorado com cena galante
81.1065A	Leque com varetas e alça de galalite bege. Tecido amarelo claro na parte de trás
72.936A	Alfinete para chapéu, em vidro e metal
72.937A	Alfinete em material sintético e pedras
72.908A	Escapulário circular em tecidos branco e vermelho
81.1056A	Lorgnon em platina, com haste de estrutura facetada e argola na parte inferior
51.818A	Lorgnon em tartaruga no tom amarelo

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

3 A METODOLOGIA DO SISTEMA DE OBJETOS FEMINISTAS

É válido afirmar que a Figura 1 – Proposta preliminar da Coleção Maria Augusta Rui Barbosa carece de mais pesquisa e aprofundamento, principalmente para sanar as dúvidas ainda existentes. O objetivo não é encerrar ou concluir o assunto, mas sim iniciá-lo e posteriormente, estudá-lo de maneira mais detalhada em um outro projeto de pesquisa. Nota-se que existe uma série de lacunas nos itens femininos, que demonstram uma certa secundarização das personagens mulheres na história do acervo museológico da instituição.

Buscando possibilidades de combater esta marginalização, o Sistema de objetos feminista nasce a partir das compreensões já existentes de cultura material dos objetos, definida por David Prown (1982, p. 1, tradução nossa) como “as investigações realizadas por meio dos artefatos, ponderando conceitos empíricos como ideias, atitudes e suposições de uma sociedade e época específica”⁶ e de biografia cultural dos objetos, este segundo compreendido como algo “[...] reservado para a leitura da vida social singular dos objetos, em uma forma coletiva que permite uma narrativa sobre um movimento de coisas”⁷ (BARTLETT; HENDERSON, 2016a, p. 137, tradução nossa). É válido a primazia compreender o que um objeto feminista. A metodologia proposta por Alison Bartlett e Margaret Henderson na publicação *What is a Feminist Object? Feminist Material Culture and the Making of the Activist Object* pondera sobre o assunto e argumenta que “os objetos das mulheres são sinônimos ou semi-sinônimos dos objetos feministas” (BARTLETT; HENDERSON, 2016a, p. 161, tradução nossa)⁸.

Em suma, sendo um não produzidos por mulheres, e terem sido ou não pertencentes a uma mulher com inclinações feministas, compreende-se que “o objeto feminista é principalmente um objeto político, desempenhando uma função política”⁹ (*Ibidem.*, p. 168, tradução nossa). Assim, os objetos de Maria Augusta podem ser vistos como políticos, além de serem fontes de rememoração e resistência.

Sobre o esquema do sistema feminista dos objetos, ele é dividido em quatro categorias de coisas, e dentro dessas quatro categorias, são aplicadas outras subdivisões adequadas as possibilidades que cada classificação oferece. A Figura 2 apresenta o resumo exemplificado por Alison Bartlett e Margaret Henderson, onde será fundamentado o sistema feminista dos objetos, aplicado aos objetos de Maria Augusta Rui Barbosa. Cada categoria recebe um certo tipo de item que varia de acordo com o seu uso.

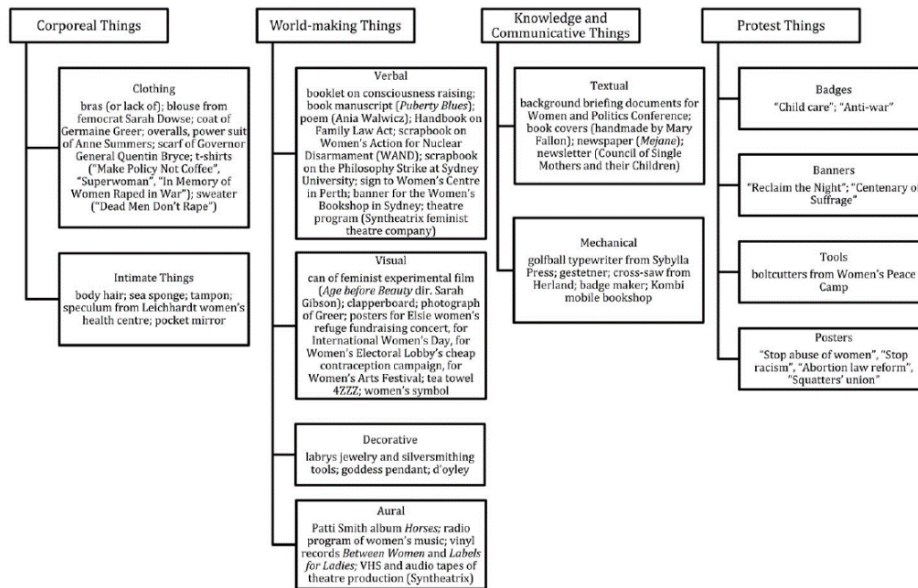
⁶ the study through artifacts of the beliefs-values, ideas, attitudes, and assumptions-of a particular community or society at a given time (PROWN, 1982, p. 1)

⁷ reserved for reading the social life of singular objects, into a collective form that enables a narrative about a movement of things (BARTLETT; HENDERSON, 2016a, p. 137).

⁸ women’s objects are synonymous or semi-synonymous with feminist objects (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 161).

⁹ the feminist object is primarily a political object, performing a political function (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 168).

Figura 2 - Sistema de objetos feministas



Fonte: BARTLETT; HENDERSON (2016b).

Cada categoria – Corpo, Criados pelo Mundo, Conhecimento e comunicativos e Protesto (ou militares) – é definida de uma determinada forma pelas autoras. A categoria *Corpo* relaciona-se com campanhas políticas, o corpo enquanto protesto, são citados como exemplo “o movimento pela saúde da mulher e a campanha para remover os impostos sobre absorventes internos” (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 164, tradução nossa)¹⁰. Essa categoria também se relaciona a pontos contrastantes, como o “público e privado, íntimo e institucional, convencional e contra-feminilidade”¹¹ (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 164, tradução nossa). Porém, é importante destacar que não é possível definir lógicas binárias para esses itens, já que seus significados podem ser modificados quando são transfigurados de seu uso comum. Um exemplo comentado pelas autoras relaciona-se ao uso de absorventes íntimos fora do contexto de higiene feminina, já que em protestos, eles podem ser trajados como brincos, tornando-se assim objetos de protesto com o intuito de chamar a atenção para determinadas causas e lutas das mulheres. “Essas distinções, e a forma como as coisas corpóreas interagem com elas, gesticulam em direção aos contornos, lógicas e

¹⁰ the women's health movement and the campaign to remove the luxury tax on tampons (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p.164).

¹¹ the intimate and the institutional, conventional femininity versus counter-femininity (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 164).

dinâmicas da política corporal feminista”¹² (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 164, tradução nossa).

A categoria *Criados pelo Mundo* refere-se a itens que trazem uma existência de um mundo feminista em termos criativos e culturais, e contém objetos de cunho “verbal, visual, decorativo e auditivo”¹³ (*ibidem.*, p. 164, tradução nossa). Em suma, objetos que, de alguma forma, são cotidianos e que participaram de ações feministas e demonstrando criatividade e a cultura das mulheres. Pode-se citar como exemplos ingressos de peças de teatro feministas, álbuns de fotografias feministas, claquetes usadas por cineastas feministas, esboços de artes feministas, capas de livros feministas, dentre outros objetos semelhantes.

O tamanho relativamente grande desta categoria destaca a importância concedida ao ativismo cultural pelo movimento das mulheres - a necessidade de imaginação em transformação representacional, bem como mudança social e política. Além disso, a diversidade de formas e gêneros culturais sugere a ampla gama de atividades culturais feministas, aqueles que raramente são examinados ou legitimados fora de seu grupo de membros [...]”¹⁴ (*ibidem.*, p. 164, tradução nossa).

É válido salientar que essa categoria confunde duas distinções tradicionais: arte *versus* política e textos *versus* ação. Porém, a cultura feminista ultrapassa essas questões já que ela é criativa, generativa e performativa, posto que a produção ideológica e de conhecimento acompanham também a produção de cultura material, além propiciar a construção de formas feministas de estar e pensar o mundo.

A terceira categoria, *Conhecimento e comunicativos*, “ênfatiza o movimento das mulheres como uma forma epistemológica projeto e política, criticando o conhecimento patriarcal e falocêntrico”¹⁵ (*ibidem.*, p. 165, tradução nossa). A ideia dessa categoria relaciona-se com objetos que, de alguma forma, perpetuam os conhecimentos feministas. Muitos objetos podem comunicar ideias feministas – mesmo aqueles que não tem necessariamente essa função – mas aqui destacam-se, especificamente, itens em que seu propósito principal é registrar, produzir e distribuir conhecimentos feministas. Esses objetos

¹² *These distinctions, and the way in which corporeal things interact with them, gesture towards the contours, logics, and dynamics of feminist corporeal politics* (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 164).

¹³ *the verbal, the visual, decorative, and the aural* (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 164).

¹⁴ *The relatively large size of this category underlines the importance accorded to cultural activism by the women’s movement – the necessity of imaginative and representational transformation as well as social and political change. In addition, the diversity of cultural forms and genres suggests the wide range of feminist cultural activities, ones that are rarely examined or legitimated outside of its group of members [...]* (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 164).

¹⁵ *emphasise the women’s movement as an epistemological project and politics – critiquing existing patriarchal and phallogocentric knowledge* (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 165).

são cruciais para a produção de uma esfera pública feminista, entendida como "[...] uma arena discursiva de oposição dentro da sociedade do capitalismo tardio, estruturada em torno de um ideal de uma identidade de gênero comunitária percebida para unir todos os seus participantes"¹⁶ (FELSKI, 1989 *apud* BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 165, tradução nossa).

Finalmente, a última categoria denominada *Protesto (ou militantes)* é a mais óbvia e é onde todos os objetos feministas estão incluídos, posto que “um objeto feminista é implicitamente uma coisa que protesta contra o regime de gênero desigual existente”¹⁷ (*ibidem.*, p. 165, tradução nossa). Nesta categoria estão incluídos pôsteres, cartazes, banners, camisetas de protesto, publicações radicais, dentre outros objetos que, de alguma forma, revelam as mazelas de uma sociedade desigual para com as mulheres. “Esta categoria é fundamental para a produção e divulgação da cultura feminista discurso político por meio da cultura material e da estética política feminista”¹⁸ (*ibidem.*, p. 165, tradução nossa).

Pode-se ponderar a relevância de aplicar a teoria dos objetos feministas aos itens do acervo classificados como pertencentes a Maria Augusta Rui Barbosa. Pensando no contexto de um museu-casa, todos os objetos que de alguma forma estiveram inseridos na vida de Rui Barbosa são relevantes, porém, visualizando como itens de Maria Augusta no Museu Casa de Rui Barbosa, prontamente esses objetos podem ser secundarizados, considerando que não pertenceram ao patrono. Inserindo novas camadas aos objetos de Maria Augusta – primeiramente estabelecendo uma coleção própria, mesmo que não oficializada, e em seguida agregando-os a uma metodologia de estudos, como é o caso do sistema de objetos feministas – eles passam a ocupar novas dimensões de relevância na instituição.

Ademais, a teoria é bastante focada na classificação de objetos feministas, mas não se deve desconsiderar, como já comentado anteriormente, que objetos de mulheres podem ser sinônimos de objetos feministas. Os objetos de Maria Augusta – inseridos em um contexto de exclusão – são signos da importância do estudo de objetos de mulheres como objetos feministas, e é nesse cenário que os itens da proposta preliminar de “Coleção Maria

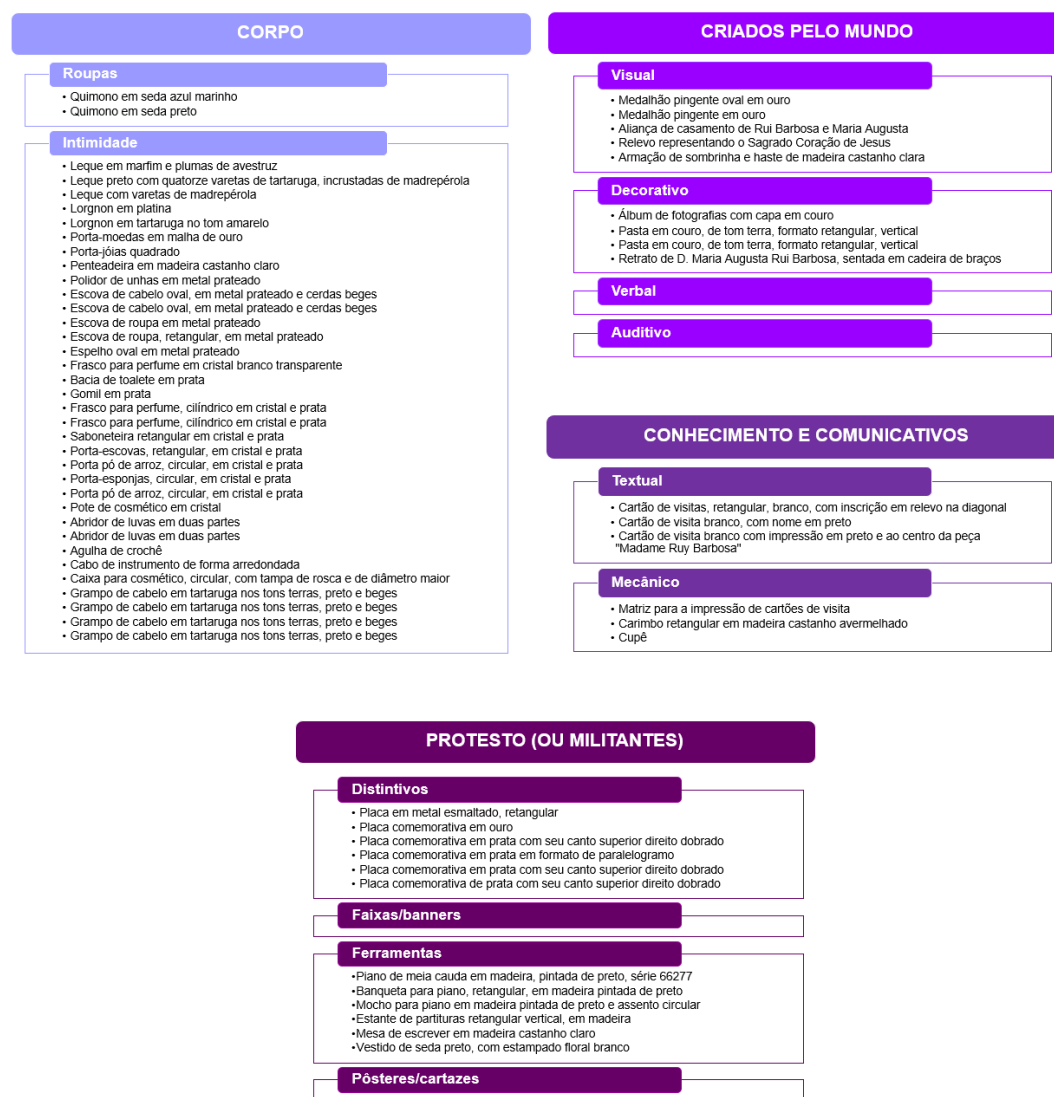
¹⁶ *an oppositional discursive arena within the society of late capitalism, structured around an ideal of a communal gendered identity perceived to unite all its participants* (FELSKI, 1989 *apud* BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 165).

¹⁷ *a feminist object is implicitly a thing that protests at the existing unequal gender regime* (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 165).

¹⁸ *This category is crucial for the production and dissemination of feminist political discourse via material culture, and of feminist political aesthetics* (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 165)

Augusta Rui Barbosa estão inseridos. A partir desses entendimentos – e considerando apenas os itens comprovadamente pertencentes à Maria Augusta Rui Barbosa, excluindo assim as dúvidas e incertezas – obtemos a Figura 3 que é a Listagem Preliminar do Sistema de Objetos feministas de Maria Augusta Rui Barbosa:

Figura 3 – Listagem Preliminar do Sistema de Objetos feministas de Maria Augusta Rui Barbosa



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Nota-se que a subcategoria com maior quantidade de objetos é a Intimidade (categoria *Corpo*). É interessante confirmar, através da grande quantidade desses itens, a posição de Maria Augusta dentro do contexto do MCRB e da vida de Rui Barbosa: a mulher pertencente ao lar. Os seus itens são bastante íntimos, e relacionam-se com higiene, cotidiano, beleza e estilo. Os dois quimonos listados foram objeto de pesquisa e provam a relevância de um estudo de cultura material voltado para revelar a história das mulheres.

Cabe comentar mais uma vez que Maria Augusta participou da construção do museu e esteve presente durante sua consolidação, com isso, muitos itens seus foram levados com ela e podem nunca ter retornado à residência original. Mais uma vez, fica claro que a maioria dos objetos que eram de seu uso pessoal - que não constitui o ambiente do museu de alguma forma - foram levados por ela e não fazem parte do acervo da instituição.

Na próxima categoria – *Criados pelo mundo* – apenas duas subdivisões foram preenchidas, posto que não existe qualquer registro verbal e auditivo relacionado a Maria Augusta. Na categoria visual, alguns itens devocionais, além daqueles que possuem ligação com o seu marido e na categoria decorativo, o retrato de Maria Augusta produzido em 1922 pelo pintor francês Gustave Brisgand (1867-1944) é imponente e reafirma a posição de relevância de Maria Augusta.

Na categoria *Conhecimento e Comunicativos*, considerando a falta de acervos escritos por Maria Augusta, estão contidos os itens de apresentação (cartão de visitas) na subdivisão textual e os itens de produção de apresentação (matriz de carimbo), além do Cupê, carro de tração animal pertencente à Maria Augusta, estudado na bolsa de iniciação científica denominada "Construção de trajetória dos usos das viaturas do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa: um caminho para a transposição didática", orientada por Márcia Pinheiro Ferreira e executada pelo bolsista João Paulo Alves Barreto. Ambos estão inseridos na categoria mecânico. No caso do Cupê, e a pesquisa citada, em processo de finalização, através da bolsa de iniciação científica anteriormente citada, afirma-se a relevância de um estudo de cultura material para dar luz à memória dos excluídos, no caso, a memória em processo de descoberta de Maria Augusta Rui Barbosa.

A categoria de *Protestos (ou militantes)* é uma das mais interessantes, posto que, na subdivisão distintivos estão as placas comemorativas e homenagens à Maria Augusta. É interessante pensar que, uma mulher que foi bastante secundarizada no contexto passado do MCRB, recebeu uma considerável série de homenagens. Já na subdivisão ferramenta estão incluídos o piano e seus acessórios, como porta-partituras, e a escrivaninha. Maria Augusta tocava piano frequentemente e sabia ler e escrever em algumas línguas, especificamente inglês e francês (SOUZA, 2018) e ambos os objetos, o piano e a escrivaninha, evidenciam esses traços de sua personalidade e experiência, além de revelar seus interesses e posicioná-la como uma mulher culta. Finalmente, seu vestido também foi considerado uma peça de protesto. Este vestido é o único item do acervo do MCRB do qual

existe um registro fotográfico de uso de Maria Augusta. Ademais, o registro de uso é outro ponto de grande importância: a peça foi trajada no dia 13 de agosto de 1930, dia da abertura do museu, que contou com a presença do então presidente Washington Luís e outros convidados. Este dia representa a concretização de um projeto de vida de Maria Augusta.

Após o falecimento de Rui Barbosa, Maria Augusta recebeu duas propostas de venda de sua casa financeiramente vantajosas, porém, desmembrariam a biblioteca e a residência. A embaixada da Inglaterra interessou-se em comprar a casa e o Jockey Clube de Buenos Aires, a biblioteca (MAGALHÃES, 2013, p.12)¹⁹. Maria Augusta recusou as ofertas, contrariando o seu filho João Rui Barbosa, e optou por vender todo o conjunto – incluindo arquivo e mobiliários – por um valor menor para o governo federal. Américo Jacobina Lacombe destaca essa importância, afirmando que “nós devemos muito a ela a manutenção da Casa (...)” (*apud* RANGEL, 2015, p. 162). Além disso, a matriarca solicitou a inventariação de todo o acervo. O arrolamento da coleção gerou oito volumes, e desse quantitativo, sete são de acervo da biblioteca (FERREIRA, 2008, p. 6).

A iniciativa de D. Maria Augusta foi decisiva para torná-la [a biblioteca] um bem público. Ao decidir como inventariante fazer um catálogo de todo o acervo e só vendê-lo de forma integrada, deu o último e definitivo passo para a preservação permitindo seu uso com uma nova acepção de cidadania (FERREIRA, 2008, p. 7).

Maria Augusta compreendia muito bem o tesouro bibliográfico que possuía em sua residência, já que ela “solicitou um levantamento dos títulos de todos os livros do marido, de modo a justificar a importância daquele acervo para a nação. Cada livro constou nominalmente no inventário” (MALTA, 2012, p. 175). Todo o processo de musealização foi atentamente e cuidadosamente acompanhado por ela, que afirmou, em entrevista concedida ao Jornal do Brasil de 13 de agosto 1930: “tenho ido todas as manhãs assistir os preparativos para a inauguração do museu” (RANGEL, 2015, p. 77). Maria Augusta realizou o “desejo do patrono” (RANGEL, 2015, p. 62) e o que julgava ser o melhor para o público, afirmando que negou a venda mais financeiramente vantajosa e dizendo que “isso [o

¹⁹ Sobre a situação da compra e venda da casa, sabe-se que [...] o Azeredo propôs no senado a compra da casa. E isso ficou bonito porque o Azeredo tinha morrido adversário do Rui. E mandaram avaliar e deram aquele preço que consta lá na escritura. Depois disso ela recebeu uma proposta de compra pela embaixada inglesa, Sir Arthur queria comprar a casa. E a biblioteca teve uma oferta do Jockey Clube de Buenos Aires (...) pelo menos o dobro do que o governo pagou pelas duas coisas (RANGEL, 2015, p. 162).

MCRB, seu acervo e biblioteca] vai ficar para o Brasil. Comprometi-me com o Azeredo²⁰ (RANGEL, 2015, p. 162).

Ressalta-se que a constituição de casa como um museu é um projeto de vida de Maria Augusta, pois o local e seus acervos foram adquiridos em 1924, passando alguns anos abandonado, como pode ser visto na Figura 4, até, em 1930, tornar-se museu. Maria Augusta considerava de grande relevância perpetuar para o povo brasileiro a memória de Rui Barbosa – e consequentemente a sua – além de tornar o imóvel um bem público e acessível a todos.

Figura 4 – Nota do Jornal O Imparcial, de 10 de fevereiro de 1927, onde é comentado o abandono da instituição por parte do governo.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (2021).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compor a categorização de objetos feministas de Maria Augusta, foi necessário adaptar a proposta original de Alison Bartlett e Margaret Henderson. Sabe-se que Maria Augusta não foi militante ativa e seu destaque enquanto construtora do MCRB, foi desconsiderado. Com isso, cabe repensar as ideias dos objetos e não apenas reduzi-los ao que sua forma e suporte oferecem, pois, considerando “objetos feministas como um coletivo, somos capazes de produzir novas ideias sobre a natureza distintiva de uma cultura

²⁰ Antônio Francisco Azeredo (1861 - 1936) nascido em Cuiabá, Mato Grosso, foi deputado federal entre 1891 e 1893 e senador entre 1897 e 1930.

material feminista e a mecânica pela qual objetos ativistas são criados"²¹ (BARTLETT; HENDERSON, 2016b, p. 166, tradução nossa).

Cabe ressaltar que um dos objetivos desse artigo é aplicar, de maneira prática, a metodologia dos Sistema de Objetos Feministas em uma coleção de mulher, verificar a sua condição de adaptação a acervos de mulheres que não possuíam produção necessariamente feminista. Um outro objetivo é o acréscimo de camadas de significado ao conjunto de objetos de Maria Augusta Rui Barbosa, considerando a já comentada desvalorização de sua memória, bem como estabelecer novas possibilidades de visualização deste acervo.

[...] interpretamos a produção do objeto ativista como uma resposta à localização específica das mulheres em relação ao consumo capitalista, e as mulheres e objetificação. Objetos feministas são a materialização do feminismo moderno rejeição das mulheres como objetos de troca e a longa história associada de objetificação sexual, bem como a associação da mulher ao consumo e às compras. O objeto ativista é o resultado produtivo do relacionamento aborrecido das mulheres com o mundo dos objetos (*ibidem.*, p. 169, tradução nossa).

Os objetos musealizados de Maria Augusta Rui Barbosa obtém, assim, status de coleção de museu, de objetos femininos e de objetos inseridos em uma lógica sistemática feminina, além de serem rememorados enquanto signos da luta de Maria Augusta para estabelecimento e perpetuamento de uma memória pública e luta por um conhecimento acessível a todos. Através do projeto político e de vida de Maria Augusta, as pessoas têm acesso a uma das instituições públicas de maior relevância nos campos museológicos e de pesquisa do Brasil, e que agora, estabelece uma trajetória de sua facilitadora através das investigações sobre sua história, dentre elas, a estruturação de sua coleção suscitada pela metodologia dos Sistemas de Objetos Feministas.

REFERÊNCIAS

BARTLETT, Alison; HENDERSON, Margaret. Feminism and the museum in Australia: an introduction. **Journal of Australian Studies**, Australia, v. 40, n. 2, p. 129-139, 2016a.

BARTLETT, Alison; HENDERSON, Margaret. What is a Feminist Object? Feminist Material Culture and the Making of the Activist Object. **Journal of Australian Studies**, Austrália, v. 40, n. 2, p. 156-171, 2016b.

²¹ *feminist objects as a collective, we are able to yield further insights regarding the distinctive nature of a feminist material culture, and the mechanics by which activist objects are brought into being* (BARTLETT; HENDERSON, 2016, p. 166).

BIBLIOTECA NACIONAL. **O Imparcial (RJ) – 1920 a 1929**. O Sr. Presidente da República visitou a Casa de Ruy Barbosa. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2021. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/107670_02/29789. Acesso em: 24 jun. 2021.

FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. A biblioteca de Rui Barbosa: uma concepção de cidadania. *In: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO*, 13., 2008. Rio de Janeiro, **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2008.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Plano museológico Museu Casa de Rui Barbosa: 2018 – 2021**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018.

MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. **Rui Barbosa na Vila Maria Augusta**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.

MALTA, Marize. Arte doméstica e imagem da nação: um olhar sobre os museus-casa de Rui Barbosa e de Benjamin Constant. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 165–183, 2012.

POTTER, Gaby. Gender Bias: Representations of Work in History Museums. **Continuum: The Australian Journal of Media & Culture**, Australia, v. 3, n. 1, p. 70-83, 1990.

PROWN, Jules David. Mind in matter: an introduction to material culture theory and method. **Winterthur Portfolio**, Chicago, v. 17, n. 1, p. 1–19, 1982.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza. **Museu Casa de Rui Barbosa: entre o público e o privado**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2015.

SOUSA, Gabriela Lúcio de. **Os quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa e conservação de roupas musealizadas**, 2018. 126 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Conservação e Restauração) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

WAGMAN-GELLER, Marlene. **Behind Every Great Man: Forgotten Women Behind the World's Famous and Infamous**. Illinois: Sourcebooks, 2015.